



A (RE)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA CONTÍSTICA REZENDEANA: O ALTRUÍSMO DE AURORA DOS PRAZERES

Bruno Santos Melo¹; Fernanda Karyne de Oliveira²; Ana Lúcia Maria de Souza Neves³

Universidade Estadual da Paraíba – bsantasmelo@hotmail.com¹;

Universidade Estadual da Paraíba – fernandakoliveira@gmail.com².

Universidade Estadual da Paraíba - analiteraturasouza@yahoo.com.br³

RESUMO: Este artigo é oriundo das leituras e discussões realizadas no projeto de pesquisa - PIBIC, intitulado: "As personagens femininas na contística de Maria Valéria Rezende: da subserviência para o centro da cena" do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba. O projeto é orientado pela professora Dr^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves, professora de Literatura do respectivo departamento. Tem por objetivo evidenciar como se dá a (re)construção identitária da personagem Aurora dos Prazeres, e sua vida dedicada a ajudar o outro, no conto com mesmo nome, que faz parte da coletânea de contos *Vasto Mundo* (2001), de Maria Valéria Rezende. A mulher do século XXI vem assumindo papéis distintos dos que lhe foram imputados social e historicamente, possibilitando assim, a criação de sua própria identidade, sem a necessidade, em alguns casos, de uma figura masculina. Uma esposa que não é subserviente ao seu esposo é vista como uma má mulher, pois ela nasceu para cuidar dos filhos e do marido – assim diz a tradição – , porém, a modernidade trouxe consigo a ressignificação de valores e práticas que foram engessadas ao decorrer do tempo, dando vez e voz àqueles que até então eram invisíveis perante uma sociedade machista, patriarcal e excludente. Para enriquecimento das discussões, o artigo se baseará nas discussões de Bauman (2005), Hall (2014), Nunes (2008) e Telles (2008).

Palavras-chave: Identidade. Maria Valéria Rezende. Mulher.

INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, em uma sociedade tão desenvolvida cultura e economicamente, é perceptível que nos dias de hoje ainda haja resquícios de uma sociedade patriarcal, resultando assim na inferiorização do feminino. Porém, vê-se que apesar desse contexto machista, há mulheres que conseguem modificar suas realidades sem precisar fazer uso de agressão – seja ela qual

for – para se fazer notadas ou para lutar por seus direitos. Não bastante, há aquelas mulheres que são capazes de recriar suas vivências a partir da relação com o outro, do bem-estar do outro de diversas formas. Algumas se sentem realizadas em uma situação de subserviência, na qual, servir ao homem e se submeter às suas permissões e vontades é uma vida exemplar, uma vida de



“mulher casada”. Já outras, não acreditam nesse tipo de realização, e buscam sua felicidade no desprendimento do casamento e entregam suas vidas ao auxílio e cooperação com os menos favorecidos, os “excluídos da sociedade”, pois como nos traz Hall (2014, p.11), a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. Sendo assim, o outro tem uma importância essencial na construção da identidade, pois é a partir das mais diversas relações com ele que o indivíduo se identifica. Sejam elas de igualdade, diferenças, de poder etc. O discurso de que o homem é superior a mulher só se efetivou devido à presença da dela, pois só assim o homem vai se identificar e comprovar esse discurso machista que percorre os séculos.

METODOLOGIA

A perspectiva metodológica que norteia a construção deste trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, quanto à abordagem, e caracteriza-se como bibliográfica, quanto ao procedimento. Procura-se, pois, evidenciar através do conto *Aurora dos Prazeres*, presente no livro **Vasto Mundo**, de Maria Valéria Rezende, a representação da identidade feminina construída ao longo da narrativa, a partir da análise das ações da personagem e protagonista Aurora. Considerar-se-á o texto literário em sua perspectiva ficcional, mas

Muitas mulheres não se casaram, não tiveram filhos, mas dedicaram a sua vida ao outro. É esse tipo de mulher que Maria Valéria Rezende traz na narrativa em questão, uma mulher que opta por não seguir “seu destino” de subserviência ao masculino, mas sim por lutar e se colocar do lado dos menos favorecidos, exercendo seu altruísmo. Pode-se até afirmar que suas narrativas contêm traços autobiográficos, pois Valéria levou uma vida a favor dos excluídos da sociedade em seu ofício de freira, assim como a personagem Aurora dos Prazeres, que deixa seu pai, irmãos e sua predestinação para lutar em favor dos pobres de um vilarejo, oferecendo auxílio aos que precisassem.

também como aquele que aponta para uma realidade, na qual muitas mulheres estiveram e ainda estão inseridas na sociedade moderna e contemporânea, respectivamente.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

O conto *Aurora dos Prazeres* se passa, em um primeiro momento, no sítio Ventania, na Paraíba. No início da narrativa, a escritora narra o desfecho da história, o que trouxe Aurora de bom para a pequena vila de Farinhada: a efetivação da greve. Após isso o enredo centraliza-se em uma ordem linear, consecutiva, e se inicia com a descrição da vida da protagonista, desde sua infância:



“Única menina-fêmea, nascida no meio de um bando de meninos-machos, a vida de Aurora estava prevista: servir ao pai e aos onze irmãos até que outro macho a roubasse de casa para servir a ele e gerar outro bando de meninos-machos.” (p. 125)

Partindo desse recorte do texto, já se pode notar alguns traços do discurso machista e patriarcal em que a nossa sociedade está embasada. Primeiramente, veem-se os termos “macho e fêmea” correlacionados às palavras meninos e meninas. Estes termos remetem à classificação naturalizada do “ser homem” e “ser mulher”, baseada apenas no aspecto biológico. No aspecto cultural, nas regiões interioranas, no contexto em que as personagens estão inseridas, que é o sertão paraibano, estes termos acabaram se convencendo. Outro ponto que merece atenção é a questão da “predestinação” da mulher. O seu futuro já estava traçado antes mesmo do seu nascimento, no qual, o seu estado de servidão é inato, e perdura por toda a vida, pois enquanto não se casar, deverá servir ao pai e aos irmãos, e quando casar, “tem por obrigação” servir ao marido e aos filhos.

A princípio, Aurora não possuía uma identidade própria, mas sim a que fora imposta a ela e a todas as mulheres daquele contexto: o dever de servir e ser subserviente, pois como traz Hall (2014):

“A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele habitava.” (HALL, 2014, p. 11)

Ou seja, vê-se assim que do ponto de vista sociológico, o sujeito não constrói sua identidade de maneira autônoma, mas sim na relação com o outro, com outras pessoas importantes para ele (o sujeito), que, no caso em questão, seria sua família, e com certeza ela não ousaria enfrentar ou discordar dos “machos” da casa, pois tudo que ela, porventura, poderia vir a ser seria imposto por eles, já que o masculino é “superior” ao feminino. E essas práticas são culturais, ou seja, já foram consolidadas e são repassadas durante muitos anos, e continuarão a ser por muitas famílias tradicionais no que tange à manutenção do sistema patriarcal falido que subjuga a mulher, lhe trancafiando em uma casa e a impõe uma identidade, quando o ideal para se ter uma sociedade harmoniosa é a auto identificação.

No decorrer da narrativa pode-se observar que a personagem aos dez anos assume o lugar de sua mãe que morrera após o décimo oitavo parto, e com isso, deixa de ir à escola para se dedicar única e exclusivamente a cuidar do pai e irmãos:



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“[...] levantar-se na escuridão para preparar o café, levar-lhes o almoço no roçado, lavar a roupa, botar água, sabão e toalhas para quando voltavam do campo suados, empoeirados e taciturnos, servir o café da noitinha, a macaxeira, o inhame. Pastorear os seis irmãos menores, alimentá-los, banhá-los, vesti-los, curar-lhes as feridas e consolá-los dos desgostos, ensinar-lhes as orações, ajudar a desasná-los com uma cartilha do abecê.” (p. 125, p.126)

É perceptível que Aurora, de fato, passa a ser a mulher da casa, pois todas as tarefas que sua mãe fazia, ela assume-as. Como se vê no destaque do texto, aos homens, cabia o dever do labor, de sair em busca do alimento e da renda para a casa, enquanto a mulher tinha por dever cuidar da casa, do marido e dos filhos – nesse caso, pai e irmãos –. Vale ressaltar que a personagem recebeu todas essas obrigações com apenas dez anos de idade, ou seja, uma criança cuidando de outras crianças, de irmãos mais velhos, de uma casa e ainda de seu pai. Quando sua mãe morreu, Aurora teve que parar de estudar, mas aprendeu o suficiente para ler, e o pouco que sabia, ensinava aos irmãos. E assim era a vida da menina, que “só saía do sítio Ventania para a festa da padroeira de Farinhada ou para levar um irmão ao posto de saúde [...]” (p. 126).

Ao adentrar em sua fase adolescente, na qual deixa de ser menina e torna-se mulher, seu pai logo se preocupa em encaminhá-la ao “mercado casamenteiro”, coisa comum da época, como destaca Telles

(2008, p.256): “Tão logo passadas as “primeiras regras” (menstruação) e a mocinha fizesse corpo de mulher, os pais começavam a se preocupar com o futuro encaminhamento da jovem para o matrimônio.”. Sendo assim, seu pai passa a levar-lhe à feira de Itapagi às quartas, e Aurora aguarda ansiosamente esse dia da semana. Enquanto seu pai se divertia na mesa do bar, ela aproveitava e se dirigia à capela do colégio das irmãs, onde ficava vislumbrada com tudo o que vira. Ao completar dezoito anos, Aurora decide viver num convento e “deixou o recado com a cunhada: “Diga a Pai que fui viver com as freiras na casa de Deus.” (p. 127). Acerca dos conventos Nunes (2008, p. 488) aponta que “as mulheres também os utilizaram a seu próprio favor em muitas situações: para escapar de um casamento indesejado, para realizar seu desejo de viver piedosamente.”. Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que Aurora decide optar por servir a Deus enquanto freira para poder exercer seu altruísmo. O seu estado de subserviência não a incomodava, pois em nenhum momento se vê a personagem reclamar acerca desse estado, pelo contrário, ela o exerce com satisfação, pois ocupou o lugar de sua mãe.

A partir do ingresso no convento, a vida de Aurora dos Prazeres dá uma reviravolta e pode-se afirmar que ela pôde, enfim, se auto identificar, não aceitando a



identidade que lhe fora imposta. Acerca do processo de identificação, Bauman (2005, p.17) ressalta que “Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...]”. Partindo desse pressuposto, é conclusivo que as identidades não são fixas ou imutáveis. E Aurora só conseguiu ter sua identidade devido a sua ousadia, por assim dizer, pois ela teve coragem em abnegar de seu destino e trilhar o seu próprio futuro, pois “[...] a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa.” (BAUMAN, 2005, p.18).

Passa a haver no convento um murmúrio para um voluntariado de freiras para conviver com os menos favorecidos e do jeito deles, levando-lhes a palavra de Deus. Aurora prontamente se voluntaria, pois lembra do estado de seu pai e irmãos. Com isso, novamente sua vida sofre uma reviravolta, pois o hábito é trocado por roupas comuns, a vizinhança barulhenta, ou seja, ambientes totalmente distintos. Pode-se afirmar então, que a identidade da personagem deve se adequar ao ambiente em que ela está inserida, pois como ressalta Bauman (2005, p. 37): “As comunidades guarda-roupa são reunidas enquanto dura o

espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides.”, ou seja, as identidades não são perpétuas, como há muito tempo se pensou, mas vivemos em uma sociedade líquida, onde nada se fixa, mas sim se renova. As “comunidades guarda-roupa” é uma metáfora muito pertinente utilizada pelo sociólogo, pois representa a seguinte situação: todos os dias as pessoas acordam, abrem o seu guarda-roupas e decidem qual roupa usarão naquele dia, ou até mais de uma, dependendo da ocasião. Assim é também simbolizada a(s) identidade(s). A pessoa vai optar por qual identidade irá portar no dia ou até mesmo no momento. Isso mostra, mais uma vez, o estado líquido e volúvel da sociedade moderna.

Sendo assim, a personagem tem à sua disposição uma gama de identidades, na qual ela escolhe quem vai querer ser, e na maioria das vezes, a identidade está superior ao indivíduo, pois o meio em que ele está inserido que irá requerer as “adequações identitárias” para se enquadrar no contexto em questão – como aconteceu com Aurora, que teve de se adaptar a uma nova realidade, sendo assim, uma outra pessoa. É pertinente trazer a fala de Hall (2014, p.24): “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processor em andamento.”.



Por ser um processo, não se pode conceituar uma identidade ou vê-la como algo estancado, pronto e acabado, mas sim em constante ressignificação.

Lhe foi incumbida a tarefa de levar o amor e o perdão de Deus aos que precisassem, e Aurora vai aos mais miseráveis e marginalizados pela sociedade: “Tinha entendido que o bispo dissera e procurou os mais pobres e desprezados para visitar e evangelizar. Descobriu o Rabo da Gata, a rua das mulheres da vida, e passava com elas as horas em que não tinham freguesia.” (p.128)

Mais uma vez a ousadia de Aurora é focalizada na narrativa, pois é necessário ter coragem para conviver com pessoas que a sociedade excluiu devido ao “não enquadramento” aos padrões elitistas que estão presentes desde a colonização do Brasil.

A “mola mestre” da narrativa é a greve que está por vir sobre Cataventos – vilarejo onde Aurora exerce sua missão. Em um dia comum, um carro de som vermelho chega com pessoas desconhecidas e estaciona em frente ao sindicato dos trabalhadores rurais de Cataventos, o que causou uma movimentação no lugar. Porém não encontram o presidente João de Dora. Só o foram encontrar no bar, eram representantes da Federação e queriam saber como estava se encaminhando a greve, que na verdade nem havia começado devido

ao desleixo do personagem, que só tinha como preocupação seus próprios interesses, afina, fora colocado ali pelo prefeito.

A greve que deveria ter iniciado em Cataventos tinha como objetivo a melhoria nas condições de trabalho e melhores salários, porém João de Dora decide não tomar partido nisto. Então, os representantes partem para os canaviais para mobilizarem os trabalhadores a lutarem por seus direitos, propondo-os que parassem as atividades, mas não o silêncio imperou. E chegada a hora marcada para o início da greve, lá se iam os caminhões carregados. Então uma atitude inesperada por parte da advogada surpreende os trabalhadores, ela saiu gritando no megafone: “Será que na Paraíba não tem homem, não? Estão todos se cagando de medo? E não têm medo de morrer de fome com esse salário de miséria não? Em Pernambuco todo ano tem greve. Em Pernambuco é que tem macho!” (p. 130)

Apesar de machista, a atitude da advogada surtiu efeito. Os trabalhadores largaram mão das ferramentas e foram pra casa. Talvez, só apelando para o machismo e questionando a masculinidade dos trabalhadores algo pudesse acontecer. Mas isso não parou a indústria Santa Bárbara, pois foram buscar gente no sertão. Um carro de som anunciava que se fazia necessário a presença dos grevistas, para bloquearem as



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estradas e não deixarem ultrapassar os caminhões. Todos do lugar ouviram a convocação, inclusive Aurora. Os representantes estavam confiantes e se dirigiram ao ponto marcado para a formação da barreira, mas logo foram desestimulados, pois não aparecera ninguém sequer. Mas de repente, veem vindo do Rabo da Gata muitas luzes e logo se ouviu uma cantoria.

A cantoria é muito simbólica na narrativa, pois traz a noção de liberdade. Lá do Rabo da Gata veio na liderança de Aurora todas as prostitutas que ganhavam a vida vendendo os corpos naquela rua, e vinham para enfrentar os caminhões que se aglomeravam na estrada, tomando assim, partido na greve. E a astúcia de Aurora foi tamanha que ela veio puxando velhos benditos, que foram logo reiterados por essas mulheres, e isso chamou a atenção de todos que ouviam, e com isso, muitos curiosos que não entendiam o que estava acontecendo se dirigiam à estrada, aumentando cada vez mais aquela espécie de procissão, e muitas pessoas nem sabiam ao certo o porque de estarem ali, mas permaneceram e enfrentaram os caminhões.

Na liderança de Aurora, nenhum caminhão passou, e isso ocasionou o fechamento da indústria. Ou seja, Aurora conseguiu vencer a guerra e efetivar a greve, com a ajuda das “mulheres da vida”, que

sempre foram marginalizadas e tidas como objetos, que só serviam para dar prazer. E de modo contraditório: as mulheres tidas como profanas, venceram a luta cantando benditos! E o conto tem o seguinte desfecho: Aurora é transferida pelo convento para o Rio ou Recife, que julgou sua ação muito exagerada para com os pobres, e teve em Farinhada aqueles que concordaram com a decisão e outros que não. Então, a escritora não deixa transparecer sua visão acerca do comportamento da personagem, mas deixa a cargo do leitor se posicionar acerca da escolha da ação de Aurora dos Prazeres.

Na última parte do conto, é possível destacar uma outra identidade de Aurora: a de líder, que até então não fora sequer mencionada, pois uma mulher que nascera em berço machista, que mal tinha direito à palavra (primeira identidade [que fora imposta]), que fora freira por opção (segunda identidade) e que foi servir e ser como os pobres (terceira identidade) não teria condições de governar um movimento tão grande como fez (quarta identidade), como destaca Bauman (2005, p.35): “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. [...] Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



alternativa – é algo cada vez mais malvisto.”, ou seja, – retomando a metáfora – ter o guarda-roupas de identidades é uma necessidade para poder se conviver junto do meio social, e não uma opção. Na narrativa, nota-se que as situações transformaram a personagem e lhe incumbiram quatro identidades diferentes, e cada uma se adequa ao contexto para o qual foi designada.

CONCLUSÕES

Fruto de uma sociedade fluida, como aponta Bauman (2005), as identidades se tornaram voláteis e estão à disposição dos indivíduos sociais, de acordo com as situações de uso e desejos de seus portadores. Na narrativa percebe-se a fluidez de identidades e nota-se a presença de quatro identidades distintas em uma mesma personagem, que, por necessidade, criou-as para se adaptar às situações em que ela se encontrava. Porém, ela só se auto identifica quando se distancia daqueles que lhe ditavam “os modos de ser mulher”, que a oprimiam e viam como uma mãe e esposa, limitando-a às tarefas domésticas.

Apesar de as identidades estarem à disposição do sujeito, em pleno século XXI, e no que tange às mulheres, é perceptível que muitas delas se acomodaram e engessaram suas identidades, que muitas ou na maioria

das vezes, lhe foi imposta pelo masculino, que a subjuga e lhe dita como deve ser seu comportamento, seu falar e seu agir, tudo de acordo com suas vontades, o que só alimenta esse machismo arcaico que insiste em perdurar, coisificando assim o feminino e limitando-o às portas de uma cozinha ou do seu lar, e disso não passa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary del. **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 482-509.

REZENDE, Maria Valéria. **Vasto Mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del. **Histórias das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 401-442.